



**Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação**

Relatório Final do Projeto Pontes

Alexsandra Garcia de Farias
Ananda Veloso Amorim Oliveira
Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa
Francildo Paiva Santos
Luzinete Ferreira de Oliveira
Maria do Carmo Silva Amorim Gomes

A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA, ORALIDADE E LETRAMENTO NAS PRÁTICAS, CONCEPÇÕES E PROPOSTAS DE ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: COMO ATIVIDADES NA FORMAÇÃO DE PROFESSOR.

Resumo

O projeto de pesquisa *A variação lingüística, oralidade e letramento nas práticas, concepções e propostas de ensino de língua materna: atividades na formação de professor* é uma pesquisa de caráter etnográfico e, ainda colaborativa e/ou de capacitação/intervencionista, conforme abordagens sociolingüísticas, direcionadas para atividades do falar, do ler e do escrever, como meios que estabelecem e promovem o processo interacional dos alunos, professores e comunidade, na escola, ou na comunidade social a qual pertencem, respectivamente. E tem como objetivo investigar os usos e as concepções de variação lingüística, oralidade e letramento, conforme utilizados por professores de Língua Materna, nas atividades em turmas de pré-escolar e de alfabetização de Jovens e Adultos, em Teresina, e avaliados segundo a adequação ou não dos usos e concepções desses construtos nas suas práticas de ensino, em conformidade com o contexto social dos seus alunos e da escola.

Palavras-Chave: Sociolingüística. Letramento. Pesquisa Colaborativa.

1. APRESENTAÇÃO

O projeto de pesquisa *A variação lingüística, oralidade e letramento nas práticas, concepções e propostas de ensino de língua materna: atividades na formação de professor* teve como proposta o seu desenvolvimento, em Teresina-PI, pelo Grupo de Pesquisa - Linguagem, Escola e Sociedade (LES), constituído de alunos e professores da UFPI (Universidade Federal do Piauí). O projeto teve duas vertentes: 1) A investigação da Educação de Jovens e Adultos, em quatro escolas públicas, da periferia de Teresina e 2) Investigação da leitura em uma turma do pré-escolar, em uma creche comunitária, situada na periferia de Teresina. As pessoas envolvidas neste projeto foram: 6 pesquisadores, 6 professores, 25 alunos crianças e 55 alfabetizando, totalizando 92 pessoas, além da população das comunidades.

Esse universo da pesquisa que constitui uma amostra da população de classe baixa em Teresina, principalmente, de populações rurais que se deslocam em busca de melhores condições de vida, sobretudo, em Educação e Saúde. Escolas que atendem a essas populações apresentam, no município, o maior número de evasão e os maiores problemas de aprendizagem, especialmente na área de linguagem. Esperamos com a divulgação dos resultados do projeto sensibilizar professores e dirigentes da Educação no município e contribuir para repensar novas metodologias de ensino de língua, revertendo-se em capacitação inovadora de professores por meio de reflexões e conscientização das novas tecnologias sociolinguísticas sobre os usos linguísticos na escola e suas concepções.

Investigar os usos de variação linguística, oralidade e letramento em turmas de pré-escolar e de alfabetização de jovens e adultos e nas comunidades sociais em que se inserem, para uma avaliação desses usos, conceitos e concepções em atividades pedagógicas dos professores no processo de ensino-aprendizagem de atividades linguísticas de fala, leitura e escrita.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Estudos na área da Educação e de outras áreas como a Sociolinguística, realizados nos últimos anos, vêm mostrando a inadequação das atividades escolares, especialmente as de linguagem, em relação às atividades desenvolvidas na comunidade em que as escolas se inserem (SOARES, 1990; BORTONI-RICARDO, 2008). Consideramos que a escola, uma instância social deve-se voltar para a vida da comunidade, começando pelo meio básico dessa vivência que é a linguagem, na sua atividade de falar, de ler ou de escrever (ERICKSON, 1987; SAVILLE-TROIKE, 1982.). A proposta deste projeto compartilha desse pressuposto, cuja preocupação volta-se para atividades do falar, do ler e do escrever como práticas sociais, segundo as diversas condições sociais da população de creches (pré-escolar) e de turmas de Alfabetização de Jovens e Adultos (EJA) e respectivas comunidades sociais. Essas creches e turmas de EJA e os grupos sociais localizados em áreas determinadas de Teresina, compõem o universo da pesquisa. A orientação teórica da pesquisa contou ainda com estudos e pesquisas dos seguintes autores: Bortoni-Ricardo(2008); Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010), Cazden(1988); Costa (2013);Gumperz (1982); Kleiman (1995); Marcuschi (2001); Soares(1990); Street (1995).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS/ ANÁLISE DE DADOS

Este projeto se propõe à investigação, avaliação e proposta de atividades de ensino de língua adequadas à realidade dos alunos e da comunidade em que vivem, voltadas para a vivência da comunidade escolar e da comunidade onde se insere a escola, condições básicas para aquisição e desenvolvimento da competência comunicativa e do letramento. A ênfase especial do projeto será a reflexão e conscientização da variação lingüística, oralidade e letramento pelos professores, durante suas atividades pedagógicas em aula de língua materna.

Nesse sentido, fizemos observações na comunidade, acompanhamos o funcionamento das aulas durante um semestre, na creche e turmas de EJA. Finalmente, desenvolvemos uma intervenção nas turmas, com aquiescência do professor e da comunidade social. O objetivo era observarmos a vivência de professores e alunos em atividades de linguagem, em pré-escolar e alfabetização, confrontando com essas atividades na vida da comunidade.

Na comunidade social, observamos as práticas de linguagem, de oralidade e de letramento. Nas escolas, observamos ainda as atitudes e reflexões dos professores sobre questões de variação lingüística, oralidade e letramento manifestadas nas atividades de linguagem desenvolvidas com os alunos em toda convivência escolar.

Na pesquisa utilizamos um delineamento etnográfico, conforme perspectiva teórico-metodológica da tradição da etnografia da comunicação, segundo Saville-Troike (1982), Erickson, (1987, 1992) e Bortoni-Ricardo (2008), que é uma abordagem que parte da descrição e análise de falas (oralidade e escrita) definidas em ações interativas, nos processos comunicativos, através da relação da fala com aspectos sociais dos falantes, em seus respectivos contextos sociais. Enfatizamos ainda a proposta de Ricardo-Bortoni (2008, p. 79) sobre a vertente etnográfica de estudos sociolingüísticos educacionais “ que propõe uma teoria da aprendizagem baseada na interação verbal em sala de aula”.

As turmas e comunidades sociais que compuseram a amostra da pesquisa, situam-se na periferia de Teresina, portanto, populações de classe baixa, procedente, na sua maioria, de regiões rurais.

Investigar fatos relacionados à variação lingüística, oralidade e letramento, enquanto conceito científico, só tem sentido se voltado para aspectos lingüísticos e sociais do falante, enquanto processo e resultados de manifestações lingüísticas. Nessa perspectiva, a abordagem desses fatos lingüísticos estará na dependência dessa relação e nunca isoladamente, porque resultam de toda dimensão social e lingüística que os envolvem. Esperamos que em situação de ensino formal de língua as atividades que se desenvolvem com os alunos, possam estar em conformidade com usos lingüísticos de sua comunidade, para tornar efetivos os usos lingüísticos em aula, valorizando-os e/ou ampliando-os a novas relações sociais necessárias à vida comunitária.

As comunidades sociais que fizeram parte do universo dessa pesquisa possuem diferentes origens e organização social que decorrem mais da comunidade de origem do que de Teresina, por permanecerem de alguma forma isolados da comunidade mais ampla onde estão inseridos em Teresina. Logo conseguem manter parte da cultura de origem, incluindo a língua/fala. No caso da comunidade onde se situa a creche, o letramento é o mais incipiente, constatando-se essa atividade lingüística em apenas dois lugares, no bar e na escola, revelando pouco contato das crianças com a escrita. Nas aulas, há pouca atividade de leitura e muita cópia. Situação que preocupa por se considerar a educação pré-escolar o alicerce da atividade de leitura. Esta é movida por aspectos afetivos e se constitui, também, como básica para aquisição de outros conhecimentos.

Em razão dessa situação, decidimos construir uma proposta de ensino de leitura para crianças do pré-escolar da creche, segundo o pressuposto de que leitura é uma atividade de letramento, envolve usos, conhecimentos, crenças e valores. Não só basta aprender a ler para uso na vida social, mas é preciso ter conhecimentos sobre leitura, o que ler, como se ler e para que serve a leitura e conhecer suas crenças e seus usos por quem lê e também por quem não lê. Como muito bem esclarece Bortoni-Ricardo (2008, p. 25) " A compreensão leitora está diretamente relacionada ao conhecimento de mundo que o leitor detém."

Quanto à alfabetização de jovens e adultos, foi considerada no projeto em função do alto número absoluto de analfabetos, em Teresina, tendo-se como critério para a escolha das turmas a localização na periferia da cidade cuja

população o pesquisador deveria ter algum conhecimento ou relacionamento anterior. Todos os pesquisadores/alfabetizadores moram na comunidade onde alfabetizaram.

Desse modo a atuação do professor nessas atividades e sua relação com os alunos constituiu a base do que se considerou como decisivo para a formação do professor. Sua atuação era investigada quanto à adequação ou não nas atividades de leitura e escrita à realidade e interesse dos alunos.

A experiência na turma do pré-escolar ocorreu no ano de 2012. No primeiro semestre, fizemos o acompanhamento e observação da turma com suas professoras. Ressalte-se ainda que, após um semestre de aulas, as crianças aprenderam muito pouco em termos de linguagem e, em geral. E a nossa preocupação maior foi com a falta ou pouca atividade de leitura, pelas razões já mencionadas. Essa atividade de leitura aliada à falta de contexto de uso da escrita na comunidade poderiam prejudicar as crianças com a perda ou falta de motivação para essas atividades como constatamos no primeiro dia da intervenção quando lhe perguntamos se queriam aprender a ler, ao que responderam negativamente. Esclarecemos ainda que a análise que realizamos teve como base contextos sociais em atividades desenvolvidas. Todas as observações realizadas forneceram subsídios para a segunda parte da pesquisa que foi a de intervenção

Sobre essa intervenção, constituímos uma amostra das atividades que realizamos e consideramos mais significativas para o processo de leitura em sala de aula das crianças da creche. No semestre lemos 22 livros de histórias infantis e poesia, dos quais apresentaremos atividades de leitura de dois livros de leitura, um lido no começo da intervenção e o outro no final.

O palhaço diferente de Sônia Junqueira da Editora Ática

A esperteza de Joãozinho da Editora Villa Rica

A primeira história foi lida após o primeiro mês da intervenção. Até então elas pouco participavam da atividade, não paravam para ouvir a história e quando perguntado sobre alguma informação da leitura não respondiam, ficavam calados

por não prestarem atenção ou porque não compreendiam o que estava sendo lido, como no exemplo abaixo, após a leitura do livro O palhaço diferente.

P. (Pergunta): Quem quer contar a história ?).

Crs. Ninguém se manifesta.

P. (Pergunta novamente) O que fez o palhaço Fagulha ?

Crs. Permanecem calados.

A professora lia quantas vezes eles pediam pra repetir a leitura, e só paravam de pedir quando compreendiam a história. Nesse processo observamos algumas pistas que chamavam a atenção durante essas atividades e que nos orientaram na compreensão do processo de interação das crianças com as histórias. 'Ficar caladas, sentar-se no chão ou na cadeira, permanecer sentadas' constituíam pistas indicativas do interesse pelo que estava sendo lido. Outras pistas surgiam indicando ações subseqüentes. A pista mais surpreendente apareceu no final do semestre quando em uma das leituras da história, eles traduziam, concomitante com a leitura da professora, termos ou expressões do livro que lhes eram desconhecidas. Exemplo dessa pista ficou evidente com a leitura do livro: *A esperteza de Joãozinho, quando pediram para "ler de novo".* Observe o resultado:

P. Em um país distante vivia um pobre lenhador que vivia com sua família numa casinha no meio do bosque. Ele tinha uma esposa e sete filhos. Sendo que o menor deles se chamava Joãozinho. ...

Cr 2.(Vai traduzindo certos vocábulos da história). Quando P. lê lenhador, ela traduz 'cortador de pau'; quando P. lê 'bosque', ela diz é a mata tia, e assim sucessivamente. Após a releitura da história, eles respondem a todas a perguntas que P. fez sobre a história.

Para concluir essa parte, corroboramos com Sousa e Serafim (2012, p. 40) “ Não é só quem escreve que significa; quem lê, mesmo que ainda não alfabeticamente, também produz sentido, que pode ser compartilhado de inúmeras formas”.

Nas turmas de alfabetização, a observação inicial foi feita em turmas em que os pesquisadores já tinham conhecimento. Depois, foi desenvolvida uma proposta de alfabetização para novos alunos ou repetentes, pelos pesquisadores, sendo os professores das turmas anteriores convidados a realizarem o acompanhamento e desenvolvimento das atividades. E todos participariam dos planejamentos de ensino.

Um pressuposto dessa proposta é que toda atividade de fala, de leitura e de escrita é atividade de linguagem e sua abordagem deve levar em consideração suas funções comunicativas, expressiva e de interação social. Como todas as atividades de alfabetização são atividades de Linguagem, as atividades do curso de alfabetização são atividades vivenciadas na comunidade. Assim, os alunos foram colocados em contato mais direto com as práticas sociais da escrita presentes na vida da comunidade e da qual já participavam mesmo que indiretamente através dos alfabetizados.

Ao final da intervenção, os alunos que no início não conseguiam assinar o nome, já começavam a ler e a escrever pequenos textos. Vale lembrar que alunos do EJA, já participavam socialmente das práticas de letramento social: fazendo lista de compras, lidando com troco, pagando contas de água e luz, contando histórias, identificando ônibus através de letreiros, percebiam símbolos comerciais, dentre outros.

Nas experiências de alfabetização, durante cinco meses, cerca de 80% começaram a escrever pequenos textos e 15 % conseguiram apenas escrever palavras. Observemos, abaixo, textos produzidos por esses alunos, na turma da Pesquisadora Ananda Veloso:

Piada de bêbado

“Serta vez um bedado pasava pela praça quando vio ou partor segurado uma pessoa e disedo: sai capeta! Sai capeta! E o bêbado resmugou: sai não capeta que a praça e publica.”

“Papai,

Dzejo um feli dia dos pais poque eu de amo muito e você e o melhor pai do mundo. Deus ti a bençoi.”

A própria pesquisadora propôs aos alfabetizados uma avaliação da experiência, principalmente, da metodologia e como resultado segue um depoimento:

“Professora X gosto muito ter estudado com você e uma profssora muto amiga goste de estuda com você foi quantificade estuda com você eu prende muito com você muito o brigado professora X.”

Segunda a alfabetizadora foram trabalhados diversos temas, verificando-se a influência do vocabulário do bairro onde residem, histórias de infância, da família, além de incentivar o alfabetizando para aprender a ler e escrever textos.

CONCLUSÃO

Os professores cujas turmas foram observadas não demonstraram possuir nenhuma noção dos conceitos de variação linguística, oralidade e letramento, apesar da constatação nas comunidades de uma variação linguística peculiar em cada uma em função das suas diferentes origens, além de uma prática de oralidade recorrente e poucas atividades de letramento. Todas as atividades de linguagem que desenvolveram foram atividades mecânicas, desprovidas de fundamentação teórica consciente e poucas atividades tinham relação com a vida social dos alunos, principalmente, nas aulas de EJA.

Os resultados do processo de ensino aprendizagem também foi negativo. Poucas crianças do pré-escolar conseguiram aprender a escrever o nome, letras e sílabas. E as turmas de EJA tiveram uma enorme evasão, cerca de 60%. Os que concluíram aprenderam a escrever o nome, as letras e juntar sílabas. Ninguém aprendeu a ler e a escrever.

No processo de intervenção, no pré-escolar, as crianças começaram o processo de decifração da escrita e conseguiram motivação para o exercício da leitura, manifestado no processo de interação linguística instaurado em algumas atividades desenvolvidas, além do interesse por livros e leitura. Após as férias, dois alunos começaram a ler e na escola onde foram continuar os estudos, estavam indo bem. Segundo estatística do SAEB - as crianças que ingressam no ensino fundamental, a maioria só aprende a ler na terceira série, sendo o principal motivo a falta de motivação para a leitura e para a escrita.

Esta experiência e outras de que se tem notícias começam a mostrar que o processo de ensino aprendizagem de leitura, proposto pela escola pode ser revisto, tendo em vista melhores resultados em relação à experiência na escola pública. Sociolinguisticamente, o ingrediente afetivo, que responde pela atitude positiva, é fundamental para garantir sucesso na aquisição e desenvolvimento de atividades linguísticas. O processo de decifração não parece constituir-se em recurso afetivo, até porque é um processo longo, repetitivo e sem relação imediata com condições dos alunos, o que frustra expectativas, não constitui motivação

positiva para aprendizagem da leitura, que deveria ser substituído pela leitura compreensiva.

Na experiência de EJA, o fato dos alunos terem aprendido a ler e a escrever pequenos textos, confirma o pressuposto central da proposta de alfabetização - alfabetizado é o indivíduo capaz de representar para si e para os outros, oralmente e por escrito, o mundo do qual é parte e ajuda a construir, através de sua participação nas diversas instâncias sociais de sua comunidade. Não basta ser capaz de ensinar a leitura e a escrita; é preciso antes mostrar o que significa leitura e escrita na comunidade do alfabetizando, quais seus usos e para que serve cada um. Esse parece constituir o grande desafio na atuação/formação do professor de pré-escolar e de alfabetização.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BORTONI-RICARDO, S. M.; MACHADO, V. R.; CASTANHEIRA, S. F. **Formação do professor como agente letrador**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____ **O Professor-Pesquisador**. São Paulo, Parábola, 2008.

CAZDEN, C. **Classroom Discourse - The Language of Teaching and Learning**, Portsmouth: Heineman, 1988.

COSTA, Catarina de Sena S. M.da.(Org.) **Variação lingüística, oralidade e letramento: comunidade e escola**. Teresina: EDUFPI, 2013

ERICKSON, F.. Transformation and school success: the politics and culture of educational achievement. **Anthropology & Education Quarterly**, n. 18 p. 335-56, 1987.

GUMPERZ, John. **Discourse Strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

KLEIMAN, Ângela B. (Org.) **Os significados de letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**. Atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2003.

SAVILLE-TROIKE, Muriel **The ethnography of communication**. Oxford: Basil Blackwell, 1982.

STREET, B. **Social Literacies**: critical approaches to literacy in development, ethnography and education. Londres: Longman, 1995

SOARES, M. **Linguagem e Escola**: uma perspectiva social, São Paulo: Ática, 1990.